

AÇORIANOS NO COMÉRCIO DO RIO DE JANEIRO

SÉCULO XX

A inserção de portugueses na sociedade brasileira através da enorme imigração no final do século XIX até 1930, não suscitou produção historiográfica significativa, tanto por parte de portugueses como de brasileiros, referente à importância econômica, social e política deste deslocamento. Segundo Eulália Lobo, até o século XIX, preocupam-se somente com o que se relacionasse ao poder hegemônico e administrativo da colônia pelos portugueses.

Na década de 30, a mesma autora destaca que, observa-se em Portugal desinteresse em estudar a emigração para o Brasil, face a outras questões históricas importantes no momento, como a guerra, a emancipação das colônias etc. Somente registram dados concentrados no emigrante, como sexo, origem etc, e as consequências desta evasão quanto às relações econômicas e comerciais entre os dois países.

Eulália Lobo também afirma que, no Brasil, surgem outros trabalhos estatísticos sobre o papel do imigrante na economia e na sociedade brasileira, destacando a rivalidade entre nacionais e ex-colonizadores.¹

A partir dos anos 40, a bibliografia relacionada à emigração para o Brasil continua relativamente escassa, com tendência a aumentar nas décadas seguintes, com maior ênfase a partir da década de 80.

Quanto à bibliografia específica da imigração açoriana para o Brasil, os primeiros estudos na década de 30, foram referentes à imigração colonial para o Brasil meridional, no século 18, que continuam até hoje.

No que se refere ao Rio de Janeiro, até onde consegui investigar, não constam estudos sobre emigração açoriana para esta cidade até à década de 80, quando foram publicados os primeiros, no *Segundo Congresso de Comunidades Açorianas* (1986).

Este trabalho é a continuidade, de uma pesquisa sobre os açorianos no Rio de Janeiro, e dedica-se especialmente à trajetória profissional destes imigrantes. O nosso objetivo é traçar um perfil dos comerciantes e das suas atividades, desenvolvidas a partir da segunda metade do século XIX, com destaque no século XX, até ao século XXI.

O tema desta investigação nos é muito próximo pela razão de vivermos e convivermos com esta comunidade. Por isso o empenho em registrar a sua atuação e o seu desenvolvimento nesta cidade. Estudar esta população ajuda-nos a conhecer melhor o seu percurso e compreender as suas perspectivas futuras.

¹ Eulália Maria Lahmeyer LOBO, *Imigração Portuguesa no Brasil*, (2001).

1. A EXPANSÃO DO COMÉRCIO NA CIDADE

Desde a época do Brasil colonial, o trabalho escravo fez parte da vida econômica e social. Na segunda metade do século XIX, iniciaram-se as restrições quanto ao tráfico negreiro, cuja finalidade era satisfazer interesses comerciais capitalistas, que terminaram com a abolição da escravatura, em 1888. A partir desta data, a necessidade de mão de obra livre fez-se presente. A imigração veio satisfazer este apelo, sendo que a imigração portuguesa era a maioria, passando a colaborar intensamente nas áreas econômica, principalmente através do comércio e da prestação de serviços, e social, testemunhadas em suas instituições que ainda hoje persistem. Os açorianos também se destacam na produção de pequeno porte do leite e comércio da cidade, e com as atividades sociais representantes únicas da cultura açoriana: as Irmandades do Divino Espírito Santo, fundadas no final do século XIX e primeira metade do século XX.

A imigração contribuiu para o aumento populacional e conseqüentemente, para a expansão da cidade e do comércio: em 1852, no Rio Janeiro, havia 270 mil habitantes, e em 1889 a população atingia meio milhão, dos quais 185 mil se constituíam de estrangeiros e, destes, 106 mil eram de nacionalidade portuguesa.

Depois da Proclamação da República, em 1889, o Rio de Janeiro então capital do Brasil, continuou a progredir, mudanças estruturais se impuseram. O comércio foi revitalizado com as obras de modernização e saneamento, além da promoção de higiene, efetuada na administração do Prefeito Pereira Passos, e seguindo os preceitos do médico sanitário Oswaldo Cruz.² Entre 1902 e 1906, foi executado um plano de reconstrução da cidade, “O bota abaixo”, como passou a ser denominado.³ Elisabeth Weid explica, que o prefeito “Atacou o problema dos quiosques e das construções mal ventiladas, dos animais soltos, da venda de vísceras de gado bovino, suíno e caprino, e da ordenha de vacas leiteiras na rua, e proibiu a venda de vários produtos por ambulantes o que eliminou o trabalho de muita gente” . Estas reformas ofereceram condições para atrair empresários estrangeiros, com o objetivo de instalarem seus negócios, e favorecerem o desenvolvimento do país. Concomitantemente os bairros residenciais se expandiram, e o pequeno comércio se diversificou. Em 1906, de 800 mil moradores na cidade, a população aumentou para mais de um milhão em 1920.

O Rio de Janeiro atravessou um período de modificações com a Revolução de 1930, que pôs fim à República Velha, inaugurou a Era Vargas e provocou a substituição da tradicional estrutura agrário-colonial por uma sociedade na qual os grupos urbanos fundamentados no comércio tornaram-se hegemônicos.

Como reflexo de tais inovações, os Anos 1940, foram marcados pelas modificações do centro do Rio de Janeiro, notadamente com a construção da Avenida Presidente Vargas e por

² Oswaldo Cruz, em 1903, assumiu o cargo de Diretor Geral de Saúde Pública.

³ “O Bota Abaixo” significa a reestrutura arquitetônica da cidade quando se derrubaram prédios de habitação insalubre, abriu-se a Avenida Central, atual Rio Branco, então principal avenida no centro do Rio de Janeiro, o que facilitou a expansão do comércio no Centro.

novas iniciativas no comércio com o princípio das vendas a crédito e a comemoração de datas simbólicas como incentivos ao consumo, que se mantiveram até à atualidade.

Na década de 1950, o Rio alcançava três milhões de habitantes e possuía 36. 150 estabelecimentos varejistas, além de 200 feiras livres.

Durante os Anos 1960, a transferência da capital para Brasília esvaziou a Cidade do funcionalismo público federal. O progresso se fez sentir nos meios de transporte coletivo com os bondes sendo substituídos pelos autocarros, e devido ao grande aumento de veículos, fez-se necessária a abertura de túneis e construção de viadutos. Tudo isto proporcionou o crescimento de bairros modernos com estacionamento adequados, favorecendo a diversificação dos pólos comerciais de bairro e a oferta de prestação de serviços aos antigos bairros vizinhos.

Ao longo deste tempo o comércio ultrapassou as restrições da área central e se instalou nos bairros periféricos. A cidade se ampliou para bairros novos, como a Barra da Tijuca, e foi deslocando o comércio gradativamente para os hiper-mercados aí localizados.

Segundo Luiz Roberto Cunha, Diretor Executivo do Instituto Fecomércio, da Federação do Comércio do Rio de Janeiro, o comércio de produtos alimentícios foi sofrendo alterações com esta nova acomodação local. De meados dos anos 80 a princípios da década de 90, as intervenções no comércio aplicadas pelo governo, como medidas contra a alta inflação assim como os planos econômicos de contenção, foram atingindo profundamente a solidez das pequenas e micro empresas.²

2. OS AÇORIANOS NO RIO DE JANEIRO

Na segunda metade do século XIX, encontravam-se os açorianos, que para esta cidade imigraram, a exercer, principalmente, uma diferenciada profissão que se prolongou até o Século XXI: o comércio de leite e varejista de carnes.

Até 1903, esta atividade se baseava na produção do leite, com venda domiciliar realizada através dos volantes de rua. A partir desta data, até ao final da década de 1930, observamos que os açorianos exerciam a venda do leite nos próprios estábulos, localizados por toda a cidade³.

Na década de 1940, devido às mudanças políticas e econômicas oriundas da expansão moderna da cidade, com as vacarias encerradas, alguns açorianos transferiram-se para a agropecuária e produção de leite nos subúrbios. Outros, permanecendo no comércio e na capital, começaram a expandir uma atividade que já vinha sendo, em alguns casos, desenvolvida como continuidade do comércio do leite, o trabalho como cortadores e comerciantes de carne, nos talhos conhecidos no Brasil como açougues.

² Luiz Roberto CUNHA. *A Economia do Rio de Janeiro e a Participação Açoriana no Comércio*, (2003).

³ Judite Toste EVANGELHO. *Os Açorianos na Produção de Leiteira (1860-1937)*, (1991).

O exercício contínuo desta atividade pelos açorianos, durante sessenta anos, despertou-nos o interesse de conhecer não somente as suas origens, mas também o seu transcurso, visto que este ciclo profissional encontra-se em vias de extinção no Rio de Janeiro.

Todo o trajeto profissional dos açorianos, nesta cidade, é caracterizado pela presença do gado vacum tanto na produção do leite como no comércio da carne, justificado pela sua origem do campo.

Em condições similares aos imigrantes do continente, os açorianos provinham do trabalho na agricultura, em sua maioria, e um grande número deles exercia nas suas ilhas as profissões autônomas de produtores e comerciantes agrícolas. Esta atividade lhes proporcionou o conhecimento rudimentar do comércio, para cuja finalidade produziam em maior escala. Entretanto, adquiriram experiência ligada ao comércio rural e por isso, não lhes foi difícil encetar no comércio da carne além do que, o produto era-lhes muito familiar.

Da década de 1940 à década de 1960 quando se extingue a emigração açoriana para o Brasil, a vinda dos açorianos para o Rio de Janeiro estava vinculada à profissão de açougueiro, onde o emprego estava-lhes garantido.

Os soldos dos funcionários eram muito reduzidos, até mesmo insuficientes, especialmente para o imigrante que acalenta sempre o sonho de voltar à sua terra como um abastado proprietário. Este comércio era mais fácil de adquirir, por ser-lhes facilitado pelos próprios conterrâneos, donos daqueles estabelecimentos.

Estas condições encaminhavam o imigrante açoriano à opção pelo emprego nos talhos, quase sem alternativas. Antonio Hermínio Lopes, um açoriano terceirense, que exerce esta atividade há mais de 40 anos, confirma: “Vou ser sincero: faço as coisas direito, mas não gosto de açougue. Se tivesse tido oportunidade de estudar, eu teria seguido uma outra profissão. Sempre gostei mais da parte escrita. Teria sido administrador de empresas, economista”.⁴

Eles formavam um clã profissional que recrutava quase sempre funcionários dos Açores, a grande maioria terceirenses, principalmente para cargos de maior responsabilidade e confiança, como gerentes, sócios, caixas. Em várias ocasiões os imigrantes evoluíam rapidamente de simples empregados a sócios-proprietários ou então funcionários com percentagem nos lucros líquidos.

A acolhida solidária aos recém – chegados perpetuava-se com atitudes de confiança recíproca patrão – empregado. A profissão se diferenciava por uma mão de obra sem exigências especializadas, mas ligada a laços familiares e sociais de origem. Os próprios açougues funcionavam como “escolas“, tanto para o comércio em geral, como no aprendizado do corte da carne, que exige uma habilidade natural, quase artística. Antonio Hirmínio Lopes, um “artesão da carne”, define também como se prepara a mesma depois de desossada: “Aprender as partes do boi é uma coisa relativamente fácil. É quase como aprender um idioma. De tanto ouvir você acaba aprendendo, mesmo sem querer. Em um mês você já está conhecendo as carnes pelo visual. Sabe o que é patinho, lagarto. O que demora mais é aprender

⁴ SESC- RJ, *Um Balcão na Capital*, (2003).

a cortar. A carne tem que ser bem dividida. Um corte mal feito estraga a peça. É quase como uma obra de arte de entalhe. Se você fizer um entalhe mais profundo ou mais largo, você estraga a sua peça de arte. E ali é a mesma coisa”.⁵

Mantinhm uma equipe de profissionais tanto na desossa como no corte onde, eram considerados especialistas. Primavam pelo bom atendimento ao cliente. A partir de 1945, toda a carne passou a ser vendida desossada, também dividida e classificada com a nomenclatura que, ainda hoje, é comercializada nos super e hipermercados.⁶

As instalações foram evoluindo, tanto quanto ao aparato mecânico que o comércio da atualidade exigia, assim como para satisfazer as normas quanto à salubridade, impostas pelos órgãos da Saúde Pública.

As instituições oficiais de fiscalização do comércio, nas décadas de 1940 e 1950, como a Economia Popular, fiscalizavam com rigor. A fiscalização e a ameaça de prisão levava os açougueiros açorianos ao desequilíbrio emocional, o que afetava o seu desempenho, visto não estarem habituados a tais controles.⁷

O fato de serem de origem profissional camponesa, onde o trabalho era considerado por alguns como “pesado” e estagnado, geralmente fazia o açoriano no Rio de Janeiro sentir-se a progredir porque a atividade no comércio urbano proporcionava um maior contato com diversas culturas.

O exercício da profissão resultou num empresariado açoriano de pequeno porte, transformando vários deles em comerciantes de sucesso, a ponto de incorporarem várias unidades do mesmo ramo, geralmente em parcerias com conterrâneos, e obtendo por consequência, uma significativa estabilidade econômica.

Verificamos que o encadeamento desta profissão, não aconteceu somente pelas chamadas aos vizinhos, amigos e parentes dos Açores, nem tão pouco apenas pelo patriotismo, mas também, pelo fato de necessitarem um maior número de imigrantes para formação de grupos de micro-empresas.

3. OS AÇORIANOS E OS TALHOS, CRESCIMENTO E DECADÊNCIA DE UMA ATIVIDADE COMERCIAL.

A partir da década de 1940, os açorianos encontravam-se instalados nos açougues, que se distribuíam em quase todos os bairros da cidade e nas cidades da periferia, a saber:

Irajá, Penha, Ramos, Olaria, Bonsucesso, Inhaúma, S. Cristóvão, Encantado, Pilares, Piedade, Mesquita, Madureira, Jacarepaguá, Jacarezinho, Marechal Hermes, Méier, Engenho Novo,

⁵ Idem, ibdem.

⁶ José da Rocha Machado, ex –comerciante varejista de carne.

⁷ Anselmo Fagundes e José da R. Machado ex-proprietários de Açougues, no Rio de Janeiro.

Engenho de Dentro, Abolição, Andaraí, Grajaú, Vila Isabel, Tijuca, Riachuelo, Estácio, Central, Cidade Nova, Gambôa, Santo Cristo, Catumbi, Centro, Santa Teresa, Catete, Glória, Flamengo, Laranjeiras, Gávea, Leblon, Ipanema, Copacabana, Leme, Urca, Botafogo, Humaitá.

Subúrbios: Campo Grande, Santa Cruz.

E em cidades limítrofes como Municípios do Rio de Janeiro: Nova Iguaçu, Duque de Caxias, São João de Meriti, Nilópolis e Queimados.

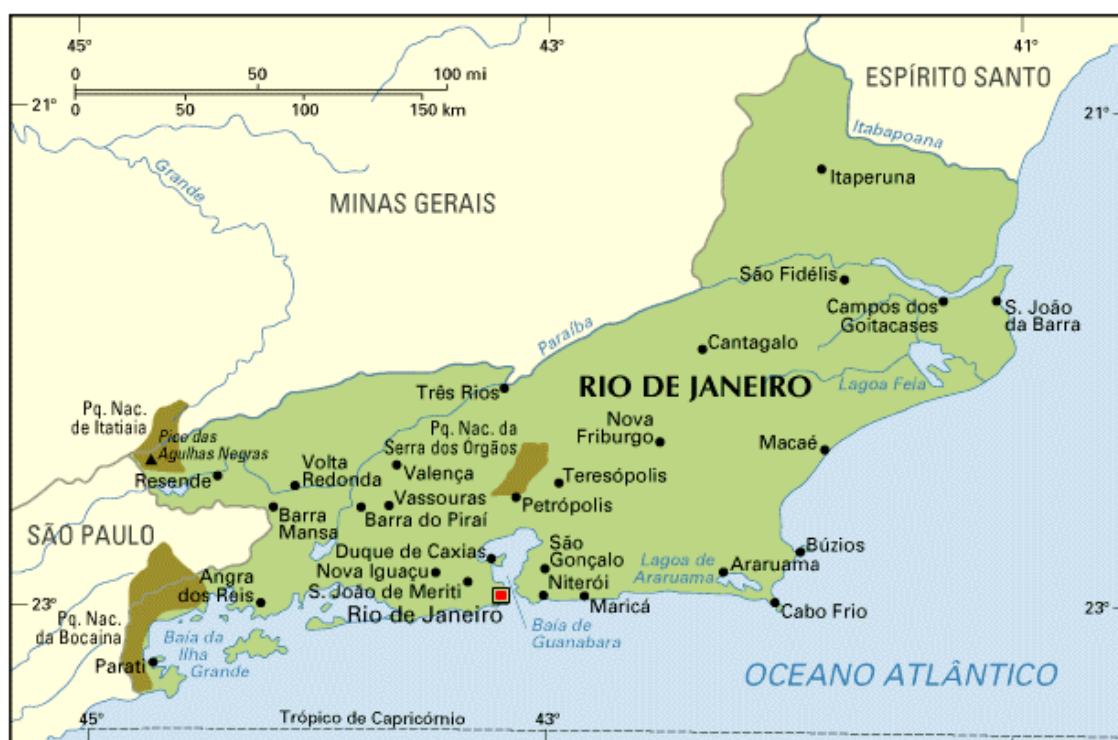
Niterói (Bairros de Icaraí e Alcântara) e São Gonçalo.

Cidades Serranas: Petrópolis e Teresópolis.

MAPA 1: MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO



MAPA 2: ESTADO DO RIO DE JANEIRO



Nestes últimos anos, sobretudo a partir da década de 1990, que marcaram o declínio desta atividade, o Brasil foi abalado por uma crise econômica, como consequência do lançamento do Plano Real, um plano econômico emitido pelo Ministério da Fazenda. Este plano, em 1994, interrompeu a inflação galopante da moeda Cruzeiro, que foi substituída pela nova moeda Real estável, com valor cambial mais alto do que o dólar. Esta mudança drástica na economia brasileira ocasionou a quebra de um grande número de empresas. Todo o comércio ressentiu-se drasticamente, os açougues também. O varejo da carne em estabelecimento autônomo, que já vinha enfraquecido pela concorrência dos super e hipermercados, caminhou rapidamente para a decadência a ponto de não mais ressurgir até os dias de hoje.

Para obtermos dados estatísticos sobre a presença de açorianos no comércio, inicialmente pensamos em obtê-los na Junta Comercial do Rio de Janeiro, onde se registram os contratos sociais, ou nas Delegacias Fiscais, órgãos ligados à Prefeitura Municipal, de onde se emitem os alvarás. Porém, nestes órgãos, apenas constam informações sobre o número e o nome das empresas, estando ausentes os registros com o nome e a origem dos seus proprietários. Como os imigrantes portugueses forjam laços de solidariedade comuns a comunidades fechadas, preferindo a manutenção de vínculos, comerciais ou sociais com seus pares optamos, então, por coletar dados de dois escritórios de contabilidade onde os responsáveis são ligados à comunidade açoriana do Rio: Rocha Contabilidade Ltda e Momento Contabilidade Ltda.

O escritório Rocha Contabilidade Ltda, quando iniciou suas atividades no seu atual escritório, em Copacabana, em 1972, prestava seus serviços somente a 11 açougues açorianos. Em 1995, este número tinha aumentado para 54 e no ano de 1998, reduziu-se para 72%, quando os encerramentos de estabelecimentos levaram à diminuição para 15 açougues. No ano 2000, a queda alcançou 60%. Atualmente, a clientela de açougues açorianos reduz-se apenas a quatro unidades deste comércio. O Quadro abaixo apresenta um exemplo das variações descritas.

QUADRO 1 : Número de Clientes do Escritório Rocha Contabilidade Ltda.

Ano	Total de Açougues	Açorianos	Não-Açorianos
1972	12	11	1
1995	65	54	11
1998	29	15	14
2000	21	06	15
2002	16	05	11
2004	13	04	09

Também foram consultadas as listagens dos doadores de carne da Irmandade Particular do Divino Espírito Santo de Vila Isabel, fundada por açorianos, que continua ativa. As relações da irmandade confirmam o desaparecimento quase total dos açougues dos açorianos nesta cidade. Da década de 1970 até à década de 1990, **somente na Zona Sul da cidade** havia **70 talhos** açorianos doadores de carne por ano. Enquanto que em 2003, alistaram apenas **36 talhos em todas as regiões da cidade e municípios vizinhos**⁸.

Obtivemos também depoimentos de açorianos que participam ou participaram no desenvolver desta profissão que, por si só tem características imigratórias açorianas e faz parte de algumas gerações destes imigrantes.

Pode-se enumerar, além do Plano Real, outras razões que conduziram ao desencadeamento da crise nos açougues do Rio de Janeiro. Na opinião dos açougueiros, este foi um dos ramos comerciais que mais se ressentiu com a estabilidade de preços trazida pelo plano, um acontecimento estranho ao comércio até aquele momento.

A instalação de cadeias internacionais do setor de consumo, atuando numa amplitude fora do alcance do pequeno empresário inclusive com requintes de higiene e conservação, desencadeou uma concorrência desleal que também contribuiu para o fechamento de todos estes estabelecimentos. Todas estas mudanças tornaram os açougues dos açorianos ultrapassados.

Segundo Carlos Kessel, o aumento do faturamento em 40% dos super e hipermercados demonstra a perda de competitividade do pequeno comércio frente a esta alta concorrência, que diminuiu 60%.⁹

⁸ Município do Rio de Janeiro: Zonas Norte, Sul, Centro e Subúrbios. Outros Municípios: Duque de Caxias, Nova Iguaçu e Niterói.

⁹ Carlos KESSEL, "História do Comércio no Rio de Janeiro", in *Um Balcão na Capital*, (2003).

A instabilidade da economia brasileira foi uma variável básica que afetou diretamente o comércio, o que levou tanto ao sucesso como também ao declínio desta específica atividade econômica.

Um dos fatores mais influentes que contribuíram para que esta atividade não se renovasse, foi o fim da emigração açoriana para o Rio Janeiro, desde a década de 1960, visto que, os açorianos do Rio de Janeiro encaminharam seus descendentes para profissões diferentes.

Outras possíveis causas do declínio do comércio de carnes realçam a profissionalização feminina, que retirou a mulher do lar, diminuindo o tempo de preparo de refeições caseiras, modificando os hábitos e o consumo de produtos alimentares, principalmente a carne, cuja preparação é muito demorada. O aumento de cadeias de restaurantes populares, pizzarias a domicílio com preços concorrentes, buscando fornecimentos diretos por atacado, foi afastando a clientela própria da carne no varejo.

A queda do padrão sócio – econômico do brasileiro fez com que este diminuísse o consumo de carne um alimento dispendioso em relação a outras fontes protéicas.

Assim, comparados os séculos XIX e XX quando os açorianos participaram ativamente no desenvolvimento do comércio do Rio de Janeiro, em especial no abastecimento de bens essenciais à população, como leite e carne, estes ilhéus vão encerrando sua atividade no comércio de carnes. O ambiente cultural de uma cidade como o Rio de Janeiro, além das suas melhores condições sócio-econômicas, levou-os a propiciar aos seus filhos um nível mais elevado de escolaridade, com vários completando o curso universitário.

Presentemente os que perderam a sua autonomia comercial neste ramo, deparam-se quase sem opção quanto a qualquer outra atividade, visto não terem sido preparados para diversificar sua profissão. A grande maioria encontra-se na faixa etária de aposentadoria, uma minoria mudou de ramo comercial ou optou por voltar à sua ilha, nos Açores.

Na época do auge, os açougues no Rio de Janeiro alcançaram um valor de mercado elevado, que era praticado pelo grupo açoriano, de acordo com a localização e conseqüentemente a qualidade da clientela. Com a mudança muitos encerraram seu negócio por falência e sem opção de passar a sua empresa por um valor, por menor que fosse, salvo raras exceções, quando o fruto da venda serviu apenas para saldar débitos acumulados.

Assim sendo, a falta de inovação comercial nestes imigrantes pode ser atribuída a várias causas, como: o país em recessão, o despreparo para enfrentar a crise e a descontinuidade pelos descendentes.

Fatores diversos teriam levado ao término dos talhos dirigidos pelos açorianos, mas, sobretudo, eles foram vítimas da “pós-modernidade”, onde os açougues deixaram de ser um ramo comercial, autônomo e exclusivo, passando a ser meras secções dentro de super-e hipermercados.

Finalmente, as suas iniciativas e o seu labor eram diretamente proporcionais à adaptação ao novo meio e, sobressaindo a boa vontade em educar e preparar os filhos para o século XXI. Além de inculcar-lhes o amor pelos Açores através da manutenção das tradições açorianas e quando possível, levá-los a conhecer as suas inesquecíveis ilhas, o que nem sempre se sucedia.

Também pode-se afirmar que viviam ou vivem constantemente envolvidos no trabalho, mantendo o seu catolicismo e a preocupação em marcar em seus descendentes um legado digno, tanto moral como material.

A estes, não lhes será proporcionado a coesão profissional, como aconteceu com seus antecedentes açorianos. Apenas manterão na lembrança o esforço e sacrifício daqueles que, sem o menor preparo profissional, lhes ofereceram todo o suporte para que, embora sem precedentes familiares, possam exercer, com bases educacionais e técnicas, os seus novos percursos profissionais, da melhor forma possível.

Quanto ao futuro, os imigrantes portugueses vão prevalecer com sua presença evidenciada na memória do Rio de Janeiro principalmente, através de sua participação no comércio, em todos os ramos, seja como médios ou micro empresários ou simplesmente funcionários. Por isso a sua dinâmica está estritamente ligada à economia desta cidade.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Mário, *O Comércio no Brasil Iluminando a Memória*. Rio de Janeiro: Confederação Nacional do Comércio, 1995.

EVANGELHO, Judite Toste, “A Vida Associativa da Comunidade Açoriana no Rio de Janeiro”, in *II Congresso de Comunidades Açorianas*. Angra do Heroísmo: 1986.

-----, “Os Açorianos e a produção Leiteira no Rio de Janeiro” (1860-1937) in *III Colóquio Internacional, Os Açores e o Atlântico*, Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, vol. XLIX. Angra do Heroísmo: 1991.

-----, “Emigração Açoriana para o Rio de Janeiro” (1920-1940), in *III Congresso de Comunidades Açorianas*. Ponta Delgada: 1991.

FROTA, Guilherme de Andréa, *Uma Visão Panorâmica da História do Brasil*, 5ª edição. Rio de Janeiro: 1983.

GARCIA, José Luis et alii. *A Emigração Portuguesa – Uma Breve Introdução*. Lisboa: Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, 1998.

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer, *”Imigração Portuguesa no Brasil”*. Hucitec: São Paulo, 2001.

-----, EVANGELHO, Judite & PAULO, Heloisa H J. “Açorianos no Rio de Janeiro” in BARROSO, Vera Lucia M., (Org.) *Açorianos no Brasil*, 1ª edição. Porto Alegre: Est Edições, 2002. p. 84-95.

SESC-RJ. *Um Balcão na Capital*. Rio de Janeiro: Senac Rio Editora, 2003.

WEID, Elisabeth Von Der, “Bota Abaixo”, in revista *História Viva*, ano I, N. 4. São Paulo: FEV 2004.

OUTRAS FONTES:

1. DEPOIMENTOS DE AÇORIANOS COMERCIANTES OU EX-COMERCIANTES VAREJISTAS DE CARNES, NO RJ, REALIZADOS ENTRE 2002 E 2004:

Anselmo Martins Fagundes

Antonio Carvalho

Antonio Hirmínio Lopes

Fernando Pires Fagundes

Isidro Pimentel

José da Rocha Machado

João Martins Trovão

João Garcia Soares

José do Carmo

Maria dos Anjos Silveira

Mateus Parreira da Rocha

Mateus Machado Evangelho

Manuel Machado Ávila

Paulo Tarso

Raimundo Dinis Borges

2. ARQUIVOS DO ESCRITÓRIO MOMENTO CONTABILIDADE LTDA que registra 28 açougues pertencentes a açorianos, 19 estão ainda atuantes, e 9 encerraram suas atividades.

ANEXO

QUADRO 2. AÇOUGUES CLIENTES DO ESCRITÓRIO MOMENTO CONTABILIDADE LTDA: UM EXEMPLO DA REDUÇÃO DO NÚMERO DE AÇOUGUES NO RIO DE JANEIRO

Nomes	Funcionamento
<i>Talho Menfigueiral Ltda.</i>	Não
<i>Açougue Nova Vida Ltda.</i>	Sim
<i>Casa de Carnes Alentejo Ltda.</i>	Sim
<i>Açougue Flor do Andaraí Ltda.</i>	Não
<i>Talho Elmar Ltda.</i>	Sim
<i>Açougue Nova Lapa Ltda.</i>	Sim
<i>Frigorífico Bagé Ltda.</i>	Sim
<i>Açougue Mecejana Ltda.</i>	Sim
<i>Alange Aves Ltda.</i>	Não
<i>Frigorífico Palácio Ltda.</i>	Sim
<i>Açougue Pecegueirence Ltda.</i>	Sim
<i>Açougue Vitória da Tijuca Ltda.</i>	Não
<i>Casa de Carnes Crismar Ltda.</i>	Sim
<i>Distribuidora de Carnes Frigokar Ltda.</i>	Sim
<i>Açougue Princesa Ltda.</i>	Não
<i>Açougue Telemarcos Ltda.</i>	Sim
<i>Açougue Ponto da Tijuca Ltda</i>	Não
<i>Açougue Xingu Ltda.</i>	Sim
<i>Açougue Tijucano Ltda.</i>	Sim
<i>Açougue Novo da Tijuca Ltda.</i>	Não
<i>Distribuidora de Carnes P. Bandeira Ltda.</i>	Sim
<i>Açougue e Merceria Santa de Edviwige Ltda.</i>	Sim
<i>Frigorífico Morales Ltda.</i>	Sim
<i>Açougue Abolição Ltda.</i>	Sim
<i>Açougue Santa Rosa Ltda.</i>	Não
<i>Açougue Vila Nova de Gaia Ltda.</i>	Sim
<i>Açougue Soberano Ltda</i>	Não
<i>Açougue e Merceria Matriz Ltda</i>	Sim

FONTE: Escritório Momento Contabilidade Ltda.

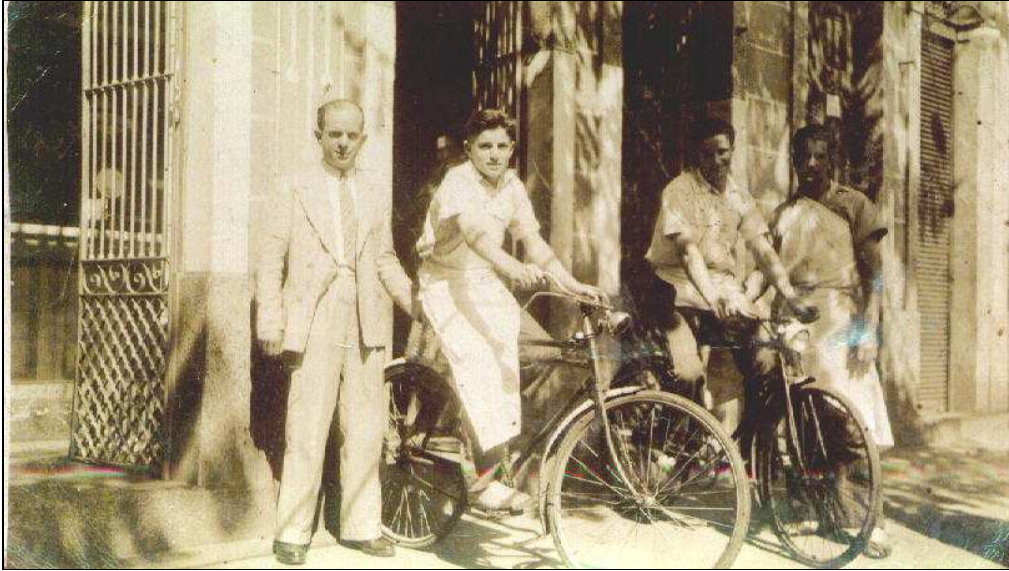
ICONOGRAFIA



Tijuca: Rua Haddock Lobo,
Zona Norte do Rio de Janeiro,
1947.

Tijuca: Rua Santa Sofia, Zona Norte,
Rio de Janeiro, Anos 1940.





Tijuca: Rua Santa Sofia, Zona Norte, Rio de Janeiro, Anos 1950.



Tijuca: Rua Santa Sofia, Zona Norte, Rio de Janeiro, Anos 1950.



Tijuca: Rua Santa Sofia, Zona Norte, Rio de Janeiro, Anos 1950.



Tijuca: Rua Conde de Bonfim, Zona Norte, Rio de Janeiro, Anos 1950.



Copacabana: Rua Barata Ribeiro, Zona Sul do Rio de Janeiro, Anos 1950.



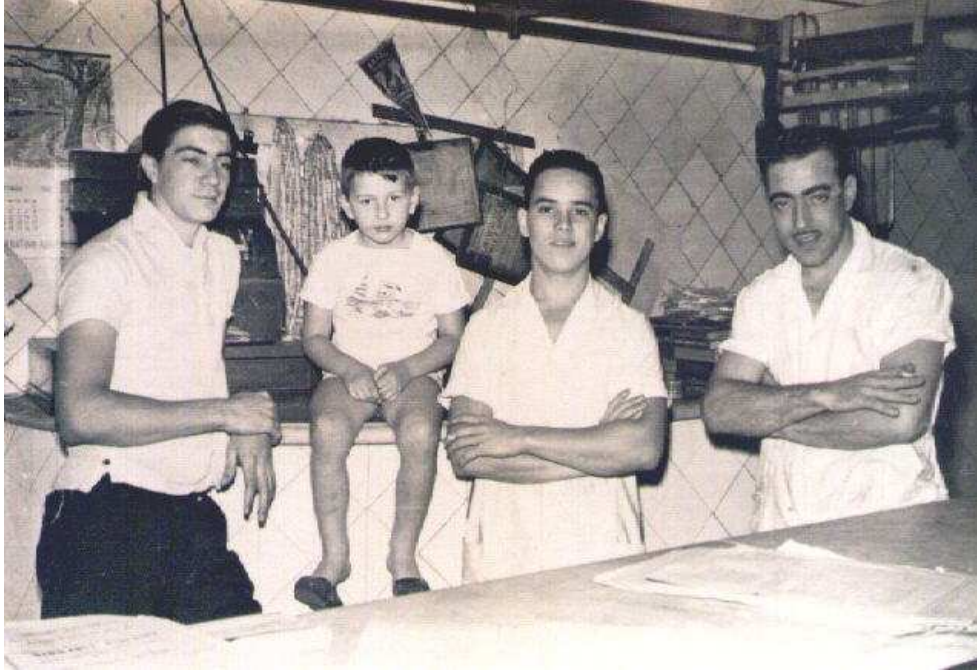
Copacabana: Rua Barata Ribeiro, Zona Sul do Rio de Janeiro, Anos 1950.



Ipanema: Rua Visconde de Pirajá , Zona Sul do Rio de Janeiro, Anos 1950



Catete: Rua do Catete, Zona Sul do Rio de Janeiro, Anos 1950.



Catete: Rua do Catete, Zona Sul do Rio de Janeiro, Anos 1950



Catete: Rua do Catete, Zona Sul do Rio de Janeiro, Anos 1950



Laranjeiras: Rua das Laranjeiras, Zona Sul do Rio de Janeiro, Anos 1970.



Laranjeiras: Rua das Laranjeiras, Zona Sul do Rio de Janeiro,
Anos 1970.



. Botafogo: Rua Álvaro Ramos, Zona Sul do Rio de Janeiro, 2002.
Exemplo da diversificação de mercadorias: uma alternativa para enfrentar a crise da retração do consumo da carne.



Botafogo: Rua Álvaro Ramos, Zona Sul do Rio de Janeiro, 2002.
Exemplo da diversificação de mercadorias: uma alternativa para enfrentar a crise da retração do consumo da carne.